

## O COMPARATISMO E A MILITÂNCIA DE ADRIAN MARINO

Numa época não só particularmente crítica para todo o tipo de militância, como sobranceira relativamente às teorias e céptica face às ideologias; num domínio marcado por uma crise dita congénita em que a bibliografia é tão numerosa quanto esparsa e prudente, por receios vários, no que diz respeito a visões totalizantes, eis que Adrian Mariano — “o sábio romeno”, nas palavras exigentes de Etiemble — prossegue, tenaz, no seu projecto de elaboração de uma teoria da literatura cujo objectivo e meios sejam especificamente “comparatistas”.

Manejando uma vasta bibliografia que inclui desde “obras de fundo” já clássicas, até numerosos artigos incluídos em revistas e Actas vindas um pouco de todo os quadrantes, este fiel discípulo de Etiemble desenvolve em **Comparatisme et Théorie de la Littérature** (1) um plano de estudos que pretende englobar a literatura de todas as latitudes. Não que se trate de uma inflexão nova no percurso reflexivo do autor, já que, de certa forma, Adrian Marino não faz mais aqui do que integrar, num plano mais claro ou estruturado, princípios que foi abordando ao longo de outras obras, sempre com uma insistência militante.

Na base do posicionamento de Adrian Marino está a sua firme convicção de que o comparatismo, para sê-lo efectivamente, tem que tomar uma  *direcção* definitivamente *teórica* e, por isso, afastar-se dos métodos da crítica e da história literárias. De resto, e muito à maneira polémica do “*enfant terrible*” Etiemble, A. Mariano enuncia claramente os inimigos a combater:

— Os estudos das influências, intercâmbios, relações e contactos que embora legítimos, reduzem segundo este autor, a literatura comparada a uma simples alínea da história literária; (2)

— O positivismo e erudição gratuita subjacentes aos estudos de carácter documental, de relações genéticas ou causais que retêm a literatura comparada no “*mito da filiação*”.

— A tradição universitária ocidental (e muito particularmente a chamada “*escola francesa*”...) que impede o alargamento daquilo que diz ser uma ideologia comparatista a outros domínios que extravasam as actividades pedagógicas e académicas dos professores;

— O estetismo e o impressionismo que sustentam ser impossível comparar e generalizar, dado considerarem prioritária a originalidade subjacente à obra literária. Aliás, por ser esta uma posição fatal para toda e qualquer sistematização teórica, encontrávamos já em **La Critique**

**des idées littéraires** uma censura ao ceptismo refractário às generalizações (°).

Relativamente à bifurcação a que a literatura comparada tem sido sujeita ao longo dos anos e que poderá resumir-se, mau grado outras designações, à oposição disciplina *histórica vs disciplina estético-teórica*, Adrian Marino recorda, na esteira por exemplo de René Wellek e de Etiemble, que o comparatismo como acto crítico que é (ou deverá ser) estabelece, já por si, uma *síntese de "démarches" históricas, teóricas e de valoração*. Uma tal perspectiva deveria, por conseguinte, dissipar a antinomia das posições acima referidas, que têm relegado a literatura comparada para um impasse muitas vezes autista. Não é pois sem uma evidente ironia que é destacado um extracto dos estatutos da **AILC**, adoptados aquando do IX<sup>a</sup> Congresso em 1979. Aí se redefiniam os estudos de Literatura comparada enquanto "*étude de l'histoire littéraire, de la théorie de la littérature et de l'interprétation des textes, entreprise d'un point de vue comparatif international*." Perante tal definição, o autor de **Comparatisme et Théorie de la Littérature** conclui: "*la tautologie est de nouveau à l'oeuvre. Mais reconnaissons quand-même un geste de grande volonté de la part de la plus haute instance du comparatisme international enfin parti à la recherche de son temps perdu...*" (p. 21).

Mais adiante, voltarão a ser reconhecidos avanços graduais na metodologia dos estudos comparatistas, embora o autor os acuse de continuarem a deter-se a meio do percurso, isto é, no inventário factual, na comparação diferencial ou contrastiva sem ousarem a extrapolação teórica e concomitantemente a "*suprema unidade literária, a Weltliteratur*" (p. 104), em suma, sem construir uma comparação unificadora.

A *componente teórica e a perspectiva universalista* são de resto os dois grandes pontos de honra do programa de literatura comparada defendido por A. Marino. Já em 1973, trabalhara com uma unidade teórica — a *ideia literária* (°) — que se integrava num campo de estudos que tinha como fim a crítica das ideias literárias ou crítica da consciência crítica da literatura, actividade em si totalizadora e sintética que deveria estar na "*confluência da crítica, da estética, da história literária e da história das ideias literárias*" (°).

Por apresentarem posturas hermenêuticas equivalentes, em função de um sistema modelar, não é difícil fazer corresponder o *crítico das ideias literárias* (1973) ao *comparatista* (1988). Para ambos não está em causa a *personalidade* da obra literária mas sim a *unidade* do problema literário. Como sujeitos de conhecimento teórico que são, a estrutura com que lidam é teórica e não empírica, porque têm uma perspectiva heurística generalizadora, ou seja, pretendem chegar a um modelo ou sistema taxinómico descritivo e de leitura.

Também a noção de *constante literária* que a obra de 1973 elaborara <sup>(6)</sup> encontra desenvolvimento ao longo de todo o capítulo sobre os *invariantes* — elementos estáveis que se encontram em qualquer literatura e que, pela intersecção de um plano fenomenológico e de um plano histórico, se deixam universalizar (p. 91 a 132). Tais factores comuns, de que A. Marino apresenta uma proposta de tipologia, deverão constituir um “*sistema de invariantes*” capaz de, pela definição descritivo-fenomenológica da literatura, chegar a uma retórica e a uma poética literária objectiva, ou tão só *Poética Comparada* <sup>(7)</sup>.

Embora claramente reiterativa (alguns dirão repetitiva!) em relação a obras anteriores suas ou de Etiemble, parece-nos inegável que **Comparatisme et Théorie de la Littérature**, pela sua estrutura, ganha em clareza e força argumentativa — aliás marcas “*iluminadas*” de um racionalismo europocêntrico — isto apesar das críticas que o autor faz a tais tendências etnocentristas... <sup>(8)</sup>

É verdade que sobretudo em **La Critique des idées littéraires** encontrávamos já uma exposição muito cuidada e manifestamente devedora da crítica estruturalista (cf. sobretudo os capítulos respeitantes à construção e mecanismo do modelo, assim como o da articulação entre modelo e história).

Em **Etiemble ou le comparatisme littéraire** <sup>(9)</sup>, sob a égide da notória homenagem, eram desenvolvidos alguns princípios basilares para uma literatura (verdadeiramente) comparatista e universal e, já aí, A. Marino defendia a progressão desta disciplina para uma teoria da literatura. Será pois com **Comparatisme et Théorie de la Littérature**, que tudo leva a crer ter sido inicial e significativamente intitulado **Etiemble et la Théorie de la Littérature** <sup>(10)</sup>, que A. Marino atinge a estratégia mais organizada para expor e defender a vertente teórica da literatura comparada. De facto, e não é esse um dos menores méritos da obra, tudo (desde as repetições à exposição gradual) está arquitectado de forma a fazer-nos entender a inevitabilidade dessa perspectiva.

Poder-se-á eventualmente não partilhar de algumas das posições do autor, nomeadamente da sua concepção *monista* de método (p. 137) e consequentemente da sua recusa em conceber a literatura comparada como o domínio por excelência da interdisciplinaridade <sup>(11)</sup>; parece contudo impossível acusá-lo de propor uma teoria incoerente ou inconsistente.

Ao longo da referida obra que apresenta um constante e louvável questionamento endémico, A. Marino não só não escamoteia as suas premissas a que chama de teóricas e ideológicas, como procura legitimá-las pelo confronto com outras perspectivas. Denunciando a pretensa inocência ou neutra objectividade de qualquer interpretação literária ou de qualquer discurso comparatista (p. 170), o autor permanece firme nos

pressupostos de que a *literatura universal*, composta de todas as literaturas do mundo — grandes e pequenas — é a *Literatura* (e de que há) um método de estudo dessa *literatura universal*, o *comparatismo*, com fundamentos teóricos, epistemológicos e culturais próprios (p. 139). Deixa no entanto claro que a teoria literária, que será sempre por inerência comparatista, não é (nem nunca será) uma “*verdadeira teoria científica*”:

*“Il faut préciser tout de suite: la théorie littéraire (comparatiste) ne vise à aucun statut logique-mathématique ou formel. La raison en est assez simple: son objet (la “littérature”) se refuse à toute approche “scientifique”, dans l’actuelle acception rigoureuse du terme.”* (p. 65).

O teórico comparatista deverá sempre proceder por um método contínuo de *indução* (selectiva e não exaustiva) e *dedução*, que o conduzirá do que era isolado e fragmentado a tipologias ou conclusões globais cujos objectivos não são nem a “*lei*” nem o princípio da causalidade, mas a teoria, a totalização: “*L’induction littéraire ne peut avoir la loi comme objectif, sa généralisation vise seulement à la constance du type*” (p. 198). De resto, o autor faz questão de salientar como a própria semiótica de J.-A. Greimas reconhece que o comparatismo de fim tipológico é a única metodologia actualmente capaz de sustentar as análises intertextuais (p. 200).

A acrescentar a toda esta convicção num método — única solução que A. Marino vislumbra para os impasses e descrédito de que sofre a literatura comparada em alguns meios — está um empenho que extravasa o pendor estético para se tornar também numa postura de natureza ética. Já em **Etiembe ou le comparatisme militant**, este intelectual no sentido rigoroso do termo, corroborava as posições do autor de **Comparaison n’est pas raison**, considerando a *Weltliteratur* uma força ideológica <sup>(12)</sup> e propondo um *novo humanismo* <sup>(13)</sup> que contemple um efectiva universalidade. A literatura comparada torna-se deste modo tão simplesmente sinónimo de humanismo porque, como adianta este seu arauto:

*“Plus peut-être que toute autre discipline, elle peut contribuer à définir un humanisme qui, respectueux de chaque langue, de chaque littérature, saura proclamer, aimer, que chaque langue, chaque littérature doit tant à tant de langues, à tant de littératures. S’il est une discipline qui nous apprenne à mieux goûter à la fois notre littérature et celle d’autrui, c’est la nôtre.”* <sup>(13)</sup>

Alguns anos depois, A. Marino permanece fiel a este conceito ético-estético e conclui:

*"Enfin, l'universalité n'est pas seulement un concept théorique, raréfié, purement spéculatif, mais aussi — et l'on dirait surtout — un état d'esprit, une conception de vie, une téléologie, une idéologie militante d'essence internationaliste et humaniste." (p. 287)*

Perante a inevitável dialéctica entre a construção teórica e os condicionalismos de ordem prática, o *comparatista assumidamente romeno* destaca a dificuldade de acesso às fontes como o grande obstáculo para a amplificação universal dos estudos de literatura comparada (p. 115). Permitir-nos-emos contudo complementar a "lista" já que o nosso estatuto de *investigadora portuguesa* (de que também nós não queremos nem poderemos abdicar) faz com que nos debatamos com questões práticas que comprometem seriamente qualquer teoria: Como fazer quando a dificuldade de acesso às fontes não diz unicamente respeito às culturas mais distantes; quando não há circulação plurilateral e sistemática de informações; quando não é prática corrente o verdadeiro trabalho de equipa a nível nacional e internacional (15); quando há um receio, manifesto ou latente, de perder a identidade nacional pelo confronto com a alteridade internacional? Daí que, o termo literatura universal ainda nos evoque panorâmicas reducionistas ou, no melhor dos casos, um paradigma demasiado longínquo... Isto apesar dos irrepreensíveis princípios de quem faz dele uma causa de militância!

Ana Paula Coutinho Mendes  
Universidade do Porto

#### NOTAS

(1) MARINO, Adrian — *Comparatisme et Théorie de la Littérature*, Paris, PUF-écriture, 1988, 389 p.

Quando remetermos para esta obra, limitar-nos-emos quase sempre a indicar a respectiva página entre parêntesis.

(2) Cf. *op. cit.*, p. 12 e segs.

Note-se que o autor reconhece a necessidade destas investigações, mas considera que se trata de *uma vertente do comparatismo antagónica, do ponto de vista teórico e metodológico, da teoria de literatura comparada ou teoria literária comparada* (p. 317).

Por outro lado ainda, e numa perspectiva mais radical, o seu "Mestre" defendia que muitos desses estudos dizem respeito não ao comparatismo, mas à história ou à sociologia.

(3) MARINO, Adrian — *La Critique des idées littéraires*, / trad. francesa / Paris, Editions Complexe, 1977, p. 48 (a edição original data já de 1973).

(4) In *op. cit.*, sobretudo o cap. II — "L'Idée littéraire".

(5) *Ibidem*, p. 240.

(6) *Ibidem*, p. 57 e segs.

(7) Este termo que intitula o primeiro Capítulo de *Comparatisme et Théorie de la littérature* fora já o escolhido por Etiemble, desde finais dos anos 50, em detrimento de "teoria literária". Entretanto, em *Critique des idées littéraires*, A. Marino utilizou, como sinónimo mais perifrástico de "*poética comparada*", a expressão "*gramática ideológica universal de literatura*".

(8) Importará lembrar que o próprio A. Marino sempre elogiou em Étienne o seu carácter de "*homem do séc. XVIII*" — racionalista, universalista, humanista ... Mas tal designação ou estatuto é, ou não, resultado de um contexto e de uma perspectiva cultural e sócio-política *européia*?...

(9) MARINO, Adrian ... *Etiemble ou le comparatisme militant*, Paris, Gallimard, 1982.

(10) Pelo menos era esse o título anunciado no "Avant-Propos", *ibidem*, p. 8.

(11) Esta posição de A. Marino é uma das mais controversas, visto que outros comparatistas, apesar de reconhecerem mérito aos trabalhos do autor romeno, assim como aos do seu "Mestre", e procurarem também eles dar uma componente teórica à literatura comparada, sustentam que esta disciplina é uma "*orientação metodológica interdisciplinar*", ao mesmo tempo que *esclarecem*: "(...) não há (felizmente *acrescente-se*) um método comparatista" — Cf. MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri ... *Da literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Edições 70, 1988, p. 17.

(12) MARINO, Adrian — *Etiemble ou le comparatisme militant*, *op. cit.*, p. 94.

(13) *Ibidem*, pp. 149-181.

(14) Etiemble citado por A. Marino, *Ibidem*, pp. 152-153.

(15) "(...) *on ne peut plus travailler que par équipes. Mais l'instauration d'un véritable esprit d'équipe reste encore une question réservée (souhaitons-le!) à un avenir encore lointain... hélas!*" (p. 191)